

O ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO DIÁLOGO DE FICÇÃO

Mirilane Saraiva da Silva¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar como a variação linguística se processa no diálogo de ficção. Para tanto, selecionamos uma crônica do escritor Luis Fernando Veríssimo, intitulada “O Brasil explicado em galinhas”. A pesquisa se insere nos estudos da Sociolinguística e nos estudos linguísticos do diálogo de ficção (Dino Preti: 1974, 2004, 2007). Os resultados sugerem que a variação no diálogo fictício resulta de um intenso trabalho estético do cronista, que recria uma “realidade linguística”, por meio do uso de recursos da língua oral para simular uma conversa face a face.

Palavras-chave: variação linguística. Ensino. Diálogo de ficção.

EL ESTUDIO DE LA VARIACIÓN LINGÜÍSTICA EM EL DIÁLOGO DE FICCIÓN

RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar como la variación lingüística se produce en el diálogo de ficción. Para este fin, seleccionamos una crónica del escritor Luis Fernando Veríssimo, titulada “O Brasil explicado em galinhas”. La investigación es parte de los estudios de la Sociolingüística y en estudios lingüísticos del diálogo de ficción (Dino Preti: 1974, 2004, 2007) . Los resultados sugieren que la variación en el diálogo fictício surge a partir de un intenso trabajo estético de el cronista, que recrea una “realidad lingüística”, mediante el uso de los recursos del lenguaje oral para simular una conversación espontánea.

Palavras-chave: Variación lingüística. Enseñanza. Diálogo de ficción.

1. Introdução²

¹ Mestre em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (14/abril/2014), especialista em Língua Portuguesa, pelo Instituto de Língua Portuguesa Liceu Literário Português (24/abril/2012). Professora do Estado do Rio de Janeiro.

A linguagem é sempre um estar no mundo com os outros, não como indivíduo particular, mas como parte do todo social, de uma comunidade (Evanildo Bechara).

O objetivo deste trabalho é discutir a temática da variação linguística no diálogo de ficção. Para tanto, escolhemos o gênero discursivo crônica como objeto de análise. A partir de uma concepção sociointeracional³ da linguagem, discutimos o fenômeno da variação como uma característica principal da língua em uso, de maneira que possamos compreender que o falante pode se valer das inúmeras possibilidades que a língua oferece nas mais variadas situações sociocomunicativas não só para se comunicar com desenvoltura, expressar sentimentos e desejos, como essencialmente para (re) criar e negociar significados com os seus interlocutores. Como a epígrafe acima sugere, a linguagem - como parte de uma comunidade - possui um caráter eminentemente social, plurilíngue e dialógico.

Para discutirmos o tema proposto, selecionamos a crônica “O Brasil explicado em galinhas” do escritor Luis Fernando Veríssimo como objeto de análise. Buscamos identificar nos dados a presença da oralidade na escrita, o nível sociocultural das personagens e o intenso jogo de variação presente em suas falas. Os resultados da análise apontam que a variação linguística não ocorre aleatoriamente, ela tem uma razão de ser. Neste gênero discursivo específico, trata-se de um trabalho estético refinado realizado pelo cronista para dar vivacidade aos diálogos, fazendo com que o leitor tenha a sensação de estar “diante” de uma conversa face a face. Acreditamos que, ao tecermos discussões teóricas acerca do tema, também estamos contribuindo para um ensino de língua materna mais produtivo, o que torna a pesquisa relevante.

Esta pesquisa se alicerça nas bases teóricas da Sociolinguística e nos estudos linguísticos do diálogo de ficção. Tomamos como base os construtos teóricos de Mollica (1992; Beline, 2007, Preti, 2007), no âmbito da Sociolinguística e Dino Preti (1974), no que compete ao estudo do diálogo construído. Também contamos com as contribuições teóricas de Uchôa (2007) no que se refere ao ensino aplicado da linguagem. Este trabalho se organiza em

²Este artigo é parte do trabalho monográfico apresentado por mim ao Instituto de Língua Portuguesa Liceu Literário Português (ano 2012), como requisito para obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa. O trabalho se insere na linha teórica da Linguística Aplicada ao Ensino e foi orientado pelo pesquisador e professor Carlos Eduardo Falcão Uchôa.

³ Nessa perspectiva, a língua/linguagem “não é homogênea, mas um somatório de possibilidades condicionadas pelo uso e pela situação discursiva” (Cf. Santos, 2006: 56).

uma parte teórica com vistas a revisar a literatura pertinente ao tema e uma parte de análise na qual buscamos aplicar os conceitos teóricos na crônica selecionada.

2. O estudo da variação linguística à luz da Sociolinguística

A partir do século XX, os estudos da linguagem distanciam-se dos postulados neogramáticos acerca dos fenômenos linguísticos que predominavam no século XIX com a gramática histórico-comparativista⁴. O pensamento linguístico passa, então, a considerar a linguagem como objeto de estudo numa perspectiva científica. Assim, com os fundamentos linguísticos de Ferdinand Saussure⁵, a Linguística ganha o *status* de ciência.

Saussure desenvolveu as suas bases teóricas na tradição neogramática. Contudo, opôs-se ao método histórico-comparativo por entender que a língua não poderia ser concebida como um organismo vivo⁶, que segue deliberadamente suas próprias leis. Na visão saussuriana, a língua é um fenômeno social, que só pode ser pensado a partir do seu papel no grupo ou comunidade⁷. Nessa perspectiva, a língua é um fator social que deve ser estudada em si mesma e por si mesma, desprezando-se quaisquer elementos externos a ela, isto é, considerando estritamente a sua estrutura interna. Dessa maneira, tudo o que é de domínio

⁴A Gramática Histórico-Comparativa iniciou-se no século XIX. Os estudiosos analisavam as semelhanças entre as línguas e comparava-as, isto é, estudavam-se os fenômenos linguísticos que se realizam em línguas distintas. De início, os estudos da Gramática Comparativa se processavam dentro de uma ótica meramente comparativista, sem incluir a dimensão histórica. Somente numa segunda fase é que a Gramática Comparativa passou a incorporar a dimensão diacrônica, passando a se caracterizar como histórico-comparativa (PIMENTA-BUENO, 2004: p.84). A Linguística Histórico –Comparada dominou os estudos no século XIX, o interesse de estudo estava voltado principalmente para a comparação e história.

⁵A partir do século XX, com os fundamentos teóricos de Saussure, a linguística moderna ganha status de ciência autônoma, e os interesses de estudo deixam de se centrar no historicismo do século XIX, voltando-se para a teoria e a descrição dos fatos linguísticos. As idéias de Saussure, expostas no Curso de Linguística Geral (obra póstuma) alteram a ótica dos estudos linguísticos, distanciando-os da postura histórico-comparativista da segunda metade do século XIX (PIMENTA-BUENO, 2004: p.110).

⁶Durante o século XIX, a Linguística estudou, basicamente, a mudança linguística. Estes estudos eram feitos à semelhança da Biologia da época. As diferentes línguas eram classificadas em grupos de famílias, determinando-as e classificando-as em termos de graus de parentesco. (PIETROFORTE, 2007: p. 78).

⁷Para Saussure, a língua possui um caráter social, mas somente no sentido de que ela é adquirida pelos falantes no convívio em sociedade, ou seja, na coletividade. Nessa perspectiva, embora língua e sociedade estejam inter-relacionadas, o estudo científico da língua, na visão saussuriana, deve partir da sua estrutura interna e não de elementos exteriores a ela. A língua como fator social, para Saussure, direciona o estudo da langue (língua) a partir de um ponto de vista sincrônico, independente de seus antecedentes históricos, centrada nos seus próprios termos.

externo – como a comparação entre as línguas, partindo do método histórico-comparativo – deixa de ser relevante para a teoria linguística estruturalista de Saussure, que visava, antes de tudo, compreender a língua como um sistema.

A investigação científica da linguagem com a adoção de um ponto de vista de que a língua deve ser observada em suas propriedades internas e considerada em sua sincronia⁸ é de grande relevância para os estudos da linguagem, sobretudo porque atribuiu à pesquisa em linguagem um caráter científico e as línguas históricas puderam ser vistas como um sistema de signos, tendo os seus fenômenos linguísticos tratados a partir de uma perspectiva sincrônica. Inegavelmente, o estruturalismo saussuriano influenciou de tal maneira o pensamento linguístico precedente, que as diversas linhas de investigação linguística, embora muito diferentes entre si, podem ser consideradas estruturais. Nesse sentido, as diferentes correntes linguísticas (até mesmo para contrapor/discordar da corrente estruturalista) terão de partir dos fundamentos de Ferdinand Saussure para o desenvolvimento de suas pesquisas no campo da linguagem.

Partindo de uma visão de língua oposta à de Saussure, mas, pelo exposto, a partir de seus fundamentos, os estudos linguísticos que relacionam língua e sociedade⁹ passam a ganhar cada vez mais espaço em meados do século XX. Assim integram-se às pesquisas linguísticas aspectos internos e externos da língua. Nesta abordagem, conforme já destacamos, a língua passa a ser considerada não mais como um bloco homogêneo (como preconizou Saussure e a corrente estruturalista), mas como um fator social inerentemente heterogêneo, privilegiando-se as variações linguísticas que ocorrem naturalmente nas línguas em seu âmbito interno (fonológico, morfológico, sintático) e externo (fatores sociais, como idade, sexo, *status* social,). A Linguística estuda os fenômenos da linguagem a partir de diferentes perspectivas, dentre as quais destacamos a perspectiva sociolinguística, que visa investigar, segundo aponta Beline (2007: p.125), de que modo esses fatores de ordem interna e

⁸ O ponto de vista sincrônico consiste no estudo dos sistemas num dado estado de língua (*Curso de Linguística Geral*: 1857 – 1913, p. 96).

⁹ Estes estudos linguísticos que relacionam língua e sociedade partem do ramo da linguística denominado Sociolinguística, que, na definição de Mollica, é uma das subáreas da Linguística que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando-se a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (In: Mollica & Braga, 2003: p.9).

externa estão correlacionados ao uso de variantes nos diferentes planos da gramática de uma língua (a fonética, a morfologia, a sintaxe, incluindo-se o léxico).

À Sociolinguística, então, interessa compreender como a variação se organiza, isto é, como esta é regulada. Privilegiam-se, para tanto, na maioria das vezes, pesquisas variacionistas quantitativas¹⁰. Desse modo, por meio de análises linguísticas de situações concretas de fala de indivíduos de diferentes lugares, mais do que relacionar língua e sociedade, a Sociolinguística, segundo afirma Dino Preti (2007: P. 184-185), busca explicar o caráter heterogêneo da língua, como as variações se organizam e quais são as regras para que essas variações ocorram. Assim sendo, a língua em sua variação passa a ser cada vez mais estudada pelos teóricos que adotam esta visão de língua, considerando a variação linguística como um fenômeno natural de todas as línguas.

O tema da variação linguística tem sido amplamente debatido na modernidade. No entanto, isso não significa que se trata de uma novidade trazida pela linguística moderna. A esse respeito, Preti salienta que desde a antiguidade se fazia menção a esse problema, que era tratado sob outros enfoques, tais como o literário, o estilístico e o retórico:

A rigor, perdem-se nos tempos as menções ao problema, embora sob o enfoque literário, estilístico, retórico. Já na antiguidade romana, Horácio dizia, em sua Arte poética: “Há uma grande diferença se fala um deus ou um herói; se um velho amadurecido ou um jovem impetuoso na flor da idade; se uma matrona autoritária ou uma ama dedicada; se um mercador errante ou um lavrador de pequeno campo fértil; se um colco ou um assírio; se um homem educado em Tebas ou em Argos.

(Preti, *ibidem*, p. 185)

Ismael de Lima Coutinho (1962: p.32) também já apontava para esta questão, citando as considerações de Cícero a respeito de duas variedades linguísticas do latim, a saber: *sermo vulgaris* (latim vulgar/popular) e *sermo urbanus* (latim clássico). Segundo o autor, Cícero já nos falava dessa dualidade de emprego do latim numa carta que escrevera ao seu amigo Paeto:

“Quid tibi ego videor in epistulis? Nonne plebeio sermone agere tecum? Causas agimus subtilius, ornatius; epistulas vero cotidianis verbis texere solemus” (1). “Que tal me achas nas cartas? Parece que uso contigo a língua vulgar, pois não é?... Nos

¹⁰A pesquisa variacionista quantitativa baseia-se em dados linguísticos reais, ou seja, os dados de análise devem ser obtidos por meio da gravação de conversas de falantes de um determinado lugar. Tais pesquisas iniciaram-se com William Labov no nordeste dos Estados Unidos. No Brasil, a partir de 1970, um dos centros de estudos linguísticos mais conhecidos – o projeto NURC (Norma Urbana Culta) vem coletando e armazenando dados de falantes com formação universitária, de diferentes faixas etárias nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife (Fiorin, 2007: p.136).

discursos aprimoro mais; nas cartas, porém, teço as frases com expressões cotidianas.” (Grifos do autor).

As palavras do filósofo e orador romano nos mostram, efetivamente, que a variação é uma realidade. De modo que as línguas apresentam diferenças que podem ser detectáveis nos seus diversos planos: no léxico, na fonética, na morfologia, na sintaxe – aspectos internos – e também nos aspectos externos, quais sejam: 1) fatores geográficos: variedades regionais, diversidades locais, 2) sociológicos: idade, sexo, profissão, nível de estudos, classe social, etc., 3) situacionais: circunstâncias cridas por uma dada ocasião, lugar e tempo, em que as falas se realizam, grau de intimidade entre os interlocutores, no momento em que a fala ocorre e 4) fatores contextuais: assunto, tipo de ouvinte, lugar em que ocorrem as falas. Os Parâmetros Curriculares nacionais (doravante PCN), norteados por diferentes pesquisas linguísticas, apregoam que as variedades de registros orais / escritos “são pertinentes em função da intenção comunicativa, do contexto e dos interlocutores a quem o texto (oral ou escrito) se dirige” (Brasil, 1998: p. 26).

Na próxima seção, trataremos da revisão da literatura no que concerne ao reconhecimento e valorização da língua em sua variação, bem como da necessidade de aplicação das contribuições advindas da Sociolinguística ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa.

2.1. A variação linguística e o ensino de língua materna

Aprender uma língua é aprender novos modos de dizer (Uchôa)

A partir década de 70, as propostas oficiais de ensino da Língua Portuguesa passam a incorporar o discurso do reconhecimento e da necessidade de se valorizar as variedades linguísticas. De acordo com os PCN (Brasil, p. 33), o ensino de Língua Portuguesa deverá organizar-se a fim de propiciar o desenvolvimento da competência linguística dos educandos, o que implica oportunizar ao aluno um ensino de língua orientado ao conhecimento e respeito às diferentes variedades do português falado, bem como capacitar o alunado para a utilização adequada de diferentes registros, inclusive os mais formais da variedade linguística valorizada socialmente. Inegavelmente, essa orientação teórico-metodológica representa um grande passo em direção a uma prática de ensino mais eficiente. Não há dúvida de que a escola e os educadores, sobretudo os professores de Língua Portuguesa, já incorporaram esse discurso, mas a questão ainda é problemática no que se refere à prática de ensino. Isso se deve, dentre

inúmeros fatores, a uma forte tradição de sistema de ensino normativo, de caráter meramente metalinguístico em que se privilegia o ensino da gramática pela gramática, e de forma descontextualizada. Além disso, o professor de linguagem - por mais que reconheça a necessidade de valorizar a variedade linguística - ainda carece de uma fundamentação linguística consistente e orientadora, que o capacite a lidar com o ensino da variação linguística na sua prática docente, sobretudo na educação básica. Teoricamente, este profissional sabe da importância do tema e reconhece suas contribuições para o ensino da leitura e da escrita, mas em sua atuação profissional tem uma enorme dificuldade de se desvencilhar da prática pedagógica improdutivo e danosa do certo X errado, da imposição das normas do dialeto padrão culto escolar, como única variedade a ser considerada, que muitas vezes lhe é imposta pela instituição de ensino.

Uchôa (2002: p.83) afirma que o ensino de língua materna deve ter por objetivo precípuo o desenvolvimento do desempenho linguístico do alunado. Este ensino, segundo o estudioso, adquire solidez quando parte dos três níveis de linguagem propostos por Coseriu (2004).

Coseriu (2004: p. 91) concebe a linguagem como uma tríade: **sistema, norma e fala**. O sistema é o conjunto de possibilidades de uma língua, ou seja, é do domínio dos falantes de uma mesma língua. A norma contém tudo o que é regular numa língua funcional, abrangendo tudo o que é constante mesmo que não seja funcional. As normas representam, então, as variantes do sistema e são do domínio de grupos sociais, regionais, etc. A fala, assim como já defendia Saussure, é de caráter individual e corresponde ao falar concreto.

Coseriu (*Ibidem*) propõe que as variedades linguísticas sejam descritas nos domínios da norma. O conceito de norma do estudioso alicerça os estudos linguísticos propostos pela Sociolinguística, que se atém a observação, descrição e explicação das relações entre a língua e os fatores socioculturais, geográficos e históricos que permitem a sua utilização.

O linguista apresenta um quadro sinótico de variantes, a saber: **i)** diatópicas, que correspondem às diferenças no espaço geográfico (variedades regionais); **ii)** diastráticas, que são as diferenças entre as camadas socioculturais (nível culto, língua padrão, nível popular); **iii)** diafásicas, que dizem respeito às diferenças entre os tipos de modalidade expressiva (língua falada, língua escrita, língua literária, etc.) e **iv)** diacrônicas, que são as diferenças que

aparecem em decorrência da faixa etária dos falantes (variedades históricas). Vale destacar que só podemos falar em diacronia se as variações forem vistas em sua mesma sincronia.

Como postula Coseriu (*Ibidem*, p.91), a linguagem vai se apresentar sempre sob a forma de língua. O estudioso define a linguagem como “uma atividade humana universal que se realiza individualmente, mas sempre segundo técnicas historicamente determinadas – línguas -” (p.91). Ou seja, respeitando as normas intrínsecas estabelecidas pela comunidade. Essa atividade humana de falar, de comunicar, expressar pensamentos e sentimentos também deve ser entendida como uma atividade criadora, que não se presta a um mero modelo de repetição (repetir o que já foi dito).

Partindo dessa premissa, Coseriu (pp. 91-94) defende que a competência linguística de um falante vai depender de três níveis de conhecimento, que estão presentes em cada ato de fala. São eles:

- 1) ***O nível universal***, que corresponde ao saber elocucional ou competência linguística geral: o saber falar segundo os princípios que se aplicam normalmente a todas as línguas (princípio da congruência), ou seja, de falar de acordo com os padrões universais do pensamento e ao conhecimento geral que o falante tem do mundo;
- 2) ***O nível histórico***, que concerne ao saber idiomático ou competência linguística particular: saber falar uma língua determinada, de acordo com a tradição linguística historicamente estabelecida pela comunidade, ter o domínio das regras que permitem a produção e compreensão de textos nesta língua.
- 3) ***O nível individual***, que corresponde ao saber expressivo ou competência textual: saber técnico, ou seja, que permite ao falante ir além do que já foi produzido, capacidade de estruturar textos em situações comunicativas determinadas, levando-se em consideração o falante, o destinatário, a situação, etc.

O ensino da língua portuguesa deve objetivar o desenvolvimento da competência linguística dos educandos nesses três níveis, de modo que estes possam, aos poucos, aprender a lidar com o fenômeno da variação linguística, compreendendo a necessidade cotidiana que a vida em sociedade impõe de se saber manejar a linguagem nas diversas situações.

2.1.2. Variação linguística e construção de textos (orais e escritos)

Estudos recentes no campo da linguagem das mais diversas linhas teóricas têm centrado seus interesses na renovação do ensino de Língua Portuguesa, buscando oferecer subsídios para que os professores da educação básica encontrem meios mais eficazes de trabalhar os aspectos gramaticais da língua sob diferentes enfoques, a saber: por meio dos estudos da semântica, da pragmática, da linguística textual, da análise do discurso, dentre outros. Nessa direção, não cabe mais um ensino de língua meramente de caráter metalinguístico, que estuda isoladamente as categorias gramaticais, mas sim uma metodologia de trabalho que propicie um estudo reflexivo e contextualizado dessas categorias num sentido mais amplo de análise. Não quer isto dizer que o ensino deva prescindir da gramática. Pelo contrário, ela se faz necessária, mas o que devemos observar, conforme orientam os PCN (*Ibidem*, p. 31), é para que e como ensiná-la. Segundo o documento, um ensino que prime pela análise e reflexão sobre a língua com o objetivo principal de imprimir maior qualidade ao uso da linguagem deve centrar-se na atividade epilinguística, isto é, na reflexão sobre a língua em situações de produção e interpretação. É a partir daí que se recomenda a introdução de elementos para uma análise metalinguística, que por sua vez, deverá estar a serviço do texto. Nesse sentido, os PCN defendem uma prática de linguagem que concebe o texto como unidade de ensino e, ainda que se considere a dimensão gramatical, não é possível adotar uma caracterização preestabelecida. “Os textos submetem-se às regularidades linguísticas dos gêneros em que se organizam e às especificidades de suas condições de produção” (p. 78-79).

Ainda de acordo com os PCN de Língua Portuguesa, um dos objetivos dessa abordagem textual é “desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais variados textos representativos de nossa cultura. Para além da memorização mecânica de regras gramaticais” (p. 52). Na mesma linha, Uchôa (2007: p. 18), argumenta que essa orientação do ensino de língua com base no texto (oral ou escrito) é a mais adequada, pois é nos textos que a língua, sistema abstrato, se atualiza como um conjunto de forma que, somente nos textos orais ou escritos, alcança a construção de sentido.

2.2. A oralidade na narrativa literária: um estudo do diálogo de ficção

De acordo com Dino Preti (2004: p. 10), pesquisas linguísticas de diferentes linhas teóricas, tais como as da Sociolinguística variacionista e interacional e a Análise da Conversa

têm sido norteadoras para o estudo do diálogo de ficção. O foco é discutir a presença da oralidade na escrita literária, revelando as estratégias que os escritores utilizam na tentativa de recriar uma realidade linguística. Estudam-se, com base nessas linhas teóricas, os recursos que os escritores (da Literatura, bem como do Teatro) empregam para “transpor para seus narradores de primeira pessoa ou para seus personagens os recursos da língua oral, não apenas no vocabulário, mas também na construção do seu discurso” (Preti, *Ibidem*, p. 11). O tratamento dado à variação linguística no estudo do diálogo construído visa mostrar que as variedades empregadas na voz narrativa de 1ª pessoa e na fala dos personagens têm uma finalidade estética, ou seja, trata-se de um intenso trabalho linguístico elaborado pelos escritores. No caso desta pesquisa, buscamos mostrar a refinada elaboração linguística do cronista Luis Fernando Veríssimo numa de suas crônicas, que simula uma “realidade linguística” dando ao leitor a sensação de estar diante de uma conversa face a face, de fala espontânea.

Como os objetivos do escritor são de ordem estética, ele pode valer-se dos recursos da língua em suas diversas variedades. Dessa forma, não há limites na escolha dessas variedades, podendo o autor utilizar-se das características da linguagem culta ou da linguagem falada no dia a dia para alcançar o seu intento estético.

Essa tentativa de aproximação entre a linguagem do diálogo de ficção e a linguagem oral se torna possível, respeitando-se, evidentemente, os limites entre as modalidades oral e escrita da língua, já que o diálogo de ficção não equivale a uma representação fiel da interação verbal espontânea.

Na prosa contemporânea, observa-se uma maior naturalidade na utilização dos recursos da língua falada. Alguns escritores e cronistas, como João Antônio, Rubem Fonseca, Fernando Sabino, Luis Fernando Veríssimo, entre outros, revelam, em seus textos, uma habilidade impressionante de levar para a linguagem dos seus personagens e narradores de primeira pessoa as características da língua falada de sua época.

2.2.1. Os gêneros discursivos e sua contribuição para o ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa

Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero (Brasil, 1998, p. 23). Abrimos esta seção retomando os PCN para destacar que foi a partir da divulgação desse

documento (final da década de 90) que se enfatizou o trabalho com os diversos gêneros discursivos no ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa. Segundo preconizam os Parâmetros Curriculares, a escola deve oportunizar o contato do aluno com os diferentes textos que circulam na sociedade e desempenham diferentes funções. Santos (2009, p. 1) alerta para o problema de a escola ainda não estar preparada para organizar o conteúdo programático incluindo uma abordagem produtiva com os gêneros do discurso. Segundo a autora, há dificuldade em si propor nas escolas atividades com os gêneros, que demonstrem que os produzimos em situações reais de interação. Além disso, geralmente os gêneros contemplados em sala de aula são usados como pretexto para o tratamento unicamente de questões gramaticais. Outro ponto levantado pela pesquisadora diz respeito à formação do professor, que geralmente “não conhece teorias como Linguística Textual e Análise do Discurso, que se apropriam das ideias de Bakhtin (1929) sobre os gêneros e embasam os PCN” (Santos, *ibidem*). Os manuais didáticos, comumente usados pelo professor como única fonte de referência, deixam a desejar em muitos aspectos, sobretudo porque em muitos desses compêndios, até mesmo naqueles aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) há incoerências teóricas e conceituais. Assim, “mesmo quando há pluralidade de textos, de domínios discursivos diversos, nem sempre a abordagem dos gêneros se caracteriza por uma sistematização coerente e uma reflexão sobre os papéis dos interlocutores, os objetivos dos textos e as estratégias necessárias para lê-lo/ produzi-lo” (Santos, p. 2).

Conforme apontamos, os gêneros se constituem na interação, nas esferas de uso da linguagem. Os gêneros discursivos que circulam nas diversas esferas socioculturais são infinitos e atendem a funções específicas, além de serem heterogêneos e de natureza dialógica. Bakhtin (1992, p. 279) define gênero discursivo como “tipos relativamente estáveis de enunciados.” Os gêneros, disponíveis na cultura são caracterizados por três elementos, a saber: conteúdo temático, estilo e construção composicional (PCN, p. 23). Em suma, os gêneros são determinados por fatores socioculturais, históricos e interacionais (constituem-se na interação). De acordo com os PCN, as intenções comunicativas geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos. Dessa forma, é possível reconhecer os gêneros que circulam na sociedade. É o caso, por exemplo, de quando nos deparamos com um texto que se inicia pela expressão “era uma vez”, não temos dúvida de que se trata de um conto de fadas.

Bakhtin estabelece uma diferenciação entre gêneros primários e secundários. Segundo o autor, são primários (simples) os textos que surgem em situações comunicativas espontâneas, do dia a dia. Enquanto os gêneros secundários (complexos) constituem-se em situações culturais complexas e de elaboração mais refinada. São exemplos de gêneros secundários, o romance, os contos, crônicas, textos teatrais, científicos, jornal, carta, entre outros.

O gênero discursivo crônica, objeto de nossa análise, ocupa um lugar de destaque nos jornais, nas diversas mídias e livros despertando o interesse do leitor pela temática, que geralmente trata de assuntos da atualidade com uma linguagem leve, mas não menos elaborada, utilizando-se muitas das vezes do humor crítico para discutir a realidade socioeconômica do país, questionar comportamentos, mexer com a emoção do leitor, dentre outras coisas. Por meio de uma aparente brincadeira e numa “quase conversa”, o cronista reflete e convida o leitor a refletir também sobre questões maiores a partir de uma situação do cotidiano.

Em relação à linguagem, na construção deste tipo de texto, percebe-se que os escritores, sobretudo os contemporâneos, têm mostrado um grande interesse em se valer das características da língua falada, assim como da variação linguística nos seus diferentes aspectos, o que pode ser visto na fala dos personagens e também no nível do narrador, pois como nos diz Uchôa (Ibidem, p. 95):

(...) O objetivo precípua do texto literário, como se viu, é de ordem estética, por isso mesmo o escritor tem a liberdade de poder valer-se, mesmo na fala do narrador, da utilização da língua em suas diversas variedades (lembremo-nos, na atualidade, de muitas crônicas de um Veríssimo ou de muitos contos de um Rubem Fonseca).

Há, nesses textos, uma elaboração linguística intensa por parte do escritor, que por conhecer bem a linguagem, procura se valer tanto das características da língua escrita como também das possibilidades de registros que a fluidez da fala oferece.

O gênero em questão também contribui para desenvolver as habilidades linguísticas dos educandos, principalmente porque por meio da análise das falas dos personagens, pode-se mostrar como as variações de estilo (formal/informal), de nível (culto/ popular), a variedade regional e a variação de modalidade (falada/escrita) estão presentes nos textos literários e no cotidiano dos falantes, e o mais importante: que a variação linguística não é utilizada aleatoriamente, pois ela tem uma razão de ser, ou seja, a escolha de uma variedade vai

depende de diferentes fatores, tais como a situação de fala, o contexto, o grau de intimidade entre os interlocutores, dentre outros.

3. Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa é de base qualitativa e interpretativista. Ancorados nos pressupostos teóricos da Sociolinguística e nos estudos linguísticos do diálogo de ficção, propomo-nos a investigar como a variação linguística é elaborada no diálogo construído. Buscamos destacar, nos dados de análise¹¹, a oralidade na escrita, o nível sociocultural das personagens, o contexto no qual suas falas estão inseridas e o grau de variação que essas falas apresentam em função da situação sociocomunicativa simulada, já que se trata de um texto de ficção.

4. Análise linguística do “corpus” e conclusão

A análise das variações de comportamento linguístico das personagens no diálogo de ficção pode ser feita levando-se em consideração diversos aspectos. Conforme já apontamos, fatores extralinguísticos como idade, sexo (gênero), profissão, nível sociocultural, grau de escolaridade/ intimidade entre os interlocutores, entre outros, podem explicar as falas representadas nos diálogos. A observação atenta à escolha do léxico também é fundamental para uma caracterização mais precisa e mais verossímil do personagem por parte do autor. Assim, dependendo da intenção do escritor, a linguagem dos personagens pode estar mais próxima do agir linguístico de um falante culto ou se aproximar das características de um falante popular, de nível social menos favorecido.

A esse tipo de metodologia na investigação da conversação literária, dá-se o nome de **macrolinguística**. Desse modo, à macro análise das variações da linguagem interessam os fatores extralinguísticos supracitados, o levantamento histórico, geográfico e, também, a observação dos fatores psicológicos¹² (Cf. Dino Preti, 2004, p. 149).

A interação nos diálogos também pode ser estudada considerando-se os elementos situacionais, observando as estratégias conversacionais utilizadas pelos interlocutores para a

¹¹A crônica selecionada como dados de análise está disponível na parte destinada aos anexos. (cf. pp.14-15, deste trabalho).

¹² Segundo Dino Preti (1975: p. 22), o estudo dos níveis de fala subordinam-se também a fatores psicológicos, que envolvem as variações provenientes de influências psicológicas, diretamente ligadas à individualidade do locutor e do ouvinte, à sua personalidade e à projeção dela sobre a língua falada no diálogo. Neste trabalho, não observaremos as variações provenientes desses fatores, pois escapam ao nosso escopo, além de serem aspectos melhor discutidos e explorados por uma investigação de cunho psicolinguístico.

preservação da face, assim como a sucessão e domínio dos turnos, as interrupções sintáticas, os esquemas de conhecimento e as estruturas de expectativa dos interlocutores no decorrer do diálogo, dentre outros aspectos. Esses elementos são indicados pelo narrador ou pela voz das personagens. Esse enfoque sob os elementos situacionais recebe o nome de **microanálise**.

De acordo com Preti (*Ibidem*), a análise macro e microlinguística das variações da linguagem nos levam, pois, à ideia de que é possível estabelecer um modelo teórico de análise da fala das personagens e dos narradores de primeira pessoa (ou narrador-personagem), bem como da interação verbal mediante a observação desses elementos acima apontados.

4.1. Crônica “O Brasil explicado em galinhas”

No subtítulo da crônica “E por falar em ladrão de galinhas” (Cf. anexo, pp.13 e 14), podemos inferir que o cronista dá voz a um narrador, que parece estar negociando (com o seu leitor) contar uma história que surge em meio a uma conversa do dia a dia. Ao utilizar esta expressão popular (ladrão de galinhas), o cronista dá indícios de que vai tratar de um assunto que é do conhecimento de mundo do leitor brasileiro: na cultura brasileira, tal expressão é de fácil entendimento: o escritor está falando de um tipo muito comum em nossa sociedade, um indivíduo que comete pequenos delitos para satisfazer as suas necessidades básicas, como saciar a fome.¹³

A imagem que geralmente se constrói de um ladrão de galinhas é de um indivíduo sem trato social, extremamente humilde, que comete pequenos crimes, não sendo considerado um criminoso de grande risco para a sociedade. Supõe-se que não tenha habilidade intelectual para planejar grandes delitos. A partir de uma situação banal, corriqueira e de pouca relevância, o escritor põe frente a frente dois interlocutores: ladrão de galinhas vs. delegado, cada um deles exercendo um papel social distinto: o ladrão de galinhas é um indivíduo de baixo estrato social, enquanto o delegado é o representante da lei, aquele que ocupa um estrato social de prestígio e detém poder em relação ao interrogado. Há, portanto, uma relação assimétrica entre esses dois personagens. A interação simulada na crônica, num primeiro momento, revela esta assimetria, sobretudo pelo tratamento que é dado ao ladrão no início da narrativa, como podemos observar no trecho a seguir:

¹³Pressupomos que a expressão “ladrão de galinhas” seja facilmente compreendida na cultura brasileira.

- *Que vida mansa, heim, vagabundo? Roubando galinha para ter o que comer sem precisar trabalhar. Vai para a cadeia!*

O cronista simula uma interação em que os interactantes (personagens) estão engajados numa situação de fala (fictícia) que envolve muita tensão: o ladrão foi pego em flagrante cometendo um delito e levado à delegacia. Para entender o cenário da interação recriada, é preciso situar o evento comunicativo elaborado pelo cronista: pela fala do delegado, sabemos que se trata de um interrogatório, isto é, o acusado está sendo obrigado a prestar esclarecimentos sobre o ocorrido. Esse fato justifica, também, a impaciência e irritação do delegado (“vai pra cadeia!”) e o emprego lexical para referir-se ao ladrão (“vagabundo”). O delegado assume o turno e, valendo-se do seu papel social, intimida o acusado, pressionando-o a se explicar, fato que justifica a linguagem contida do ladrão de galinhas no início do interrogatório. Acuado, o ladrão começa a se defender num tom de aparente inocência. Em sua argumentação de defesa para o roubo, revela certa atitude de submissão por estar diante de um delegado, indivíduo cujo papel social é reconhecidamente de uma autoridade, aquele que tem o poder de aplicar punições, fazendo valer a lei: L5: “– *não era para mim não. Era para vender*”. O uso do reforço da negação em final de frase caracteriza uma variedade linguística bastante típica de falantes mais humildes diante de pessoas de estrato social mais elevado e também nos permite imaginar que o ladrão esteja usando uma estratégia para não deixar o delegado ainda mais irritado.

À medida que o ladrão vai apresentando seus argumentos de defesa (passa a dominar o turno e redireciona a interação), percebe-se que não se trata de um típico ladrão de galinhas, mas sim de um indivíduo que desperta a curiosidade do seu interlocutor – no caso o delegado – pelo fato de justificar, com irreverência e esperteza, que roubara as galinhas para vender, mas não por necessidade, como um simples ladrão de galinhas o faria:

Ladrão: - *Espalhei o boato que as galinhas do galinheiro eram bichadas e as minhas não. E que as do galinheiro botavam ovos brancos enquanto as minhas botavam ovos marrons.*”.

Delegado: - *Mas eram as mesmas galinhas, safado.*

Ladrão: - *Os ovos da minha eu pintava.*

Delegado: - *Que grande pilantra...*

O senso comum vê o ladrão de galinhas como um pobre coitado, inofensivo e digno de pena. É comum a sociedade sair em seu favor, argumentando que enquanto a lei pune com

rigor um pequeno ladrão, o grande criminoso, que acumula fortunas e causa enormes prejuízos ao país nunca é preso ou punido. Valendo-se desse conhecimento prévio do leitor, Veríssimo rompe com o esperado, com o objetivo de provocar o humor. Assim, o ladrão de galinhas da história assume uma imagem diferente da que o leitor conhece:

L15- Mas já havia um certo respeito no tom do delegado.

- Ainda bem que tu vai preso. Se o dono do galinheiro te pega...

- Já me pegou. Fiz um acerto com ele. Me comprometi a não espelhar mais boato sobre as galinhas dele, e ele se comprometeu a aumentar os preços dos produtos dele para ficarem iguais aos meus. Convidamos outros donos de galinheiro a entrar no nosso L20- esquema. Formamos um oligopólio. Ou, no caso, um ovigopólio.

A narrativa surpreende o leitor pelo caráter excepcional. No trecho, “Mas já havia um certo respeito no tom do delegado”, o narrador anuncia que haverá uma mudança na narrativa: o delegado, que deveria punir o ladrão, passa a admirá-lo, demonstrando curiosidade e interesse em saber como o infrator investe o lucro dos “seus negócios”, fazendo uso de uma linguagem mais respeitosa, o que confere humor à narrativa:

L 23: “- E o que você faz com o lucro do seu negócio?”

L30: “- Doutor, não me leve a mal, mas com tudo isso, o senhor não está milionário?”

Como mostramos, inicialmente, o delegado interage com o ladrão movido a grande irritação e desprezo:

“(..)- Que vida mansa, heim, vagabundo? Roubando galinha para ter o que comer sem precisar trabalhar. Vai para a cadeia!/(...) Concorrência desleal com o comércio estabelecido. Sem-vergonha!/(...)- Mas eram as mesmas galinhas, safado/(...) – Que grande pilantra.”

No entanto, no decorrer da narrativa, muda de postura em relação ao acusado. A substituição dos termos usados por ele ao se referir ao ladrão exemplifica bem essa mudança de tratamento. Os termos chulos: **vagabundo**, **sem-vergonha**, **safado**, **grande pilantra** dão lugar a palavras mais cerimoniosas: os pronomes de tratamento **senhor**, **doutor**, **excelência** revelam a preocupação do delegado em demonstrar respeito e reverência ao “eminente” ladrão:

L25- O delegado mandou pedir um cafezinho para o preso e perguntou se a cadeira estava confortável, se ele não queria uma almofada. Depois perguntou:

-Doutor, não me leve a mal, mas com tudo isso o senhor não está milionário?

Nesse trecho, a fala do narrador evidencia as mudanças de comportamento do delegado, que passa a dispensar um tratamento especial ao acusado. O inesperado está na evidência de que um delegado não trataria um ladrão de galinhas com deferência. Nesse momento, podemos observar que a assimetria é invertida, pois é o ladrão quem detém o poder e, não mais o delegado.

A atenção para a linguagem do personagem nos leva a perceber que o efeito da quebra de expectativa do leitor em relação à imagem de um ladrão de galinhas depende fundamentalmente de como esta linguagem é construída para que o escritor alcance o seu objetivo de provocar o humor a partir do conhecimento prévio do leitor. O habilidoso ladrão mostra sua *expertise* (competência interpessoal/ habilidade para interagir) ao seu interlocutor e, de acusado, passa a ser admirado pelo delegado.

Ao perceber que o delegado está demonstrando certa simpatia e atenção para com o caso, o ladrão sente-se mais confortável em sua argumentação, que já passa a ser tratada em tom de conversa informal entre amigos:

L18: “-Já me pegou. Fiz um acerto com ele. Me comprometi a não espalhar mais boato sobre as galinhas dele (...).”. O emprego do clítico em início de período indica uma marca de fala espontânea, típica de situações informais, mas vale dizer que este emprego também é bastante comum em eventos de fala mais monitorados.

O cronista revela o inusitado nas atitudes do personagem, mostrando para o leitor uma crítica à realidade política do país pelo viés do humor: grande corrupção, impunidade e proteção aos ladrões de colarinho branco.

Na passagem *L17: “- Ainda bem que tu vai preso.”*, verifica-se a mistura de tratamento (2ª e 3ª pessoas do singular), registro muito comum em situações de fala espontânea, típico de diálogos rápidos e curtos. No contexto da crônica, tal emprego é coerente com a situação e contexto simulados.

A mudança de atitude do delegado em relação ao ladrão de galinhas pode ser observada pela substituição do pronome *tu* (neste contexto, mais agressivo no contexto empregado) pela forma de tratamento *você*, que indica um tom mais amistoso: “*L 21: - E o que você faz com o lucro do seu negócio?*”.

Os argumentos de defesa do ladrão de galinhas redirecionam o olhar do delegado, que passa a vê-lo como um grande negociador, ou seja, indivíduo influente e poderoso. Em razão dessa nova imagem, o tratamento dispensado ao ladrão também é reformulado, o que se observa no nível de linguagem utilizada, que passa do uso coloquial mais agressivo para um tratamento mais polido e finalmente chega a um nível mais cerimonioso exigido pelo *status* social elevado que o ladrão diz ter alcançado. Tal *status* de prestígio é ratificado pelo delegado nos seguintes trechos:

L30: “- Doutor, não me leve a mal, mas com tudo isso, o senhor não está milionário?”

L36: “- Não sei não, excelência. Me explique.”. Nesse exemplo, podemos ver que o delegado tem a preocupação de dar um tom mais monitorado à situação de fala (simulada). No caso, a narrativa apresenta uma inversão situacional na qual o delegado julga que o interrogado merece um tratamento cerimonioso. É interessante observar que o uso do clítico *me* no início do período corrobora o que afirmamos anteriormente, sobre tal ocorrência também em falas mais monitoradas.

O agir linguístico do delegado é marcado por variações estilísticas mais abrangentes conforme foi mostrado acima. Tais variações de estilo estão plenamente de acordo com o seu papel na narrativa, já que a intenção do autor era de provocar o riso, o humor ao dar voz a um ladrão de galinhas diferente do esperado. Ao perceber que estava diante não de um simples ladrão de galinhas, mas de um grande “articulador de negócios ilícitos”, o delegado se vê obrigado a reformular o seu discurso, fazendo uso de um registro estilístico à “altura” do seu interlocutor.

Ao analisar a fala do narrador no início da narrativa, tem-se na passagem: *L1: “pegaram o cara em flagrante roubando galinhas de um galinheiro e levaram para a delegacia...”*, o emprego de uma expressão popular “o cara” empregada pelo narrador. Tal emprego se justifica pelo fato de que é por meio da fala do narrador que o leitor é informado a respeito do modo como o ladrão seria recebido pelo delegado e o tipo de relação que seria estabelecida entre eles.

Com exceção deste exemplo, há a predominância da variedade de prestígio na linguagem do narrador, conforme se exemplifica nestes trechos selecionados: *L16: “Mas já havia um certo respeito no tom do delegado.”*. Emprego do verbo haver no sentido de existir, comumente empregado em situações monitoradas (formais). O narrador, como vimos, é o

responsável por contar a história. Através dele, as sequências de ações são anunciadas e seus comentários permitem que o leitor crie novas expectativas. Segundo afirma Dino Preti (1984: p.93), o nível do narrador onisciente é de linguagem culta. Por esta razão, há predominância do uso do padrão culto da linguagem.

Para concluirmos o nosso estudo, pela análise que aqui deprendemos da crônica, podemos afirmar que o texto explora com refinamento estético a variação linguística para compor as falas dos seus personagens. O cronista buscou atribuir verossimilhança à narrativa levando o leitor a imaginar que está diante da situação narrada, envolvendo-o na sensação de estar ouvindo as falas dos personagens. A crônica nos mostra a construção de diálogos ajustados às ações dos personagens, à situação e ao contexto recriado. A simulação do agir linguístico das personagens é marcada por variedades linguísticas, que podem ser explicadas por meio da observação de fatores de ordem linguística e extralinguísticas. Assim, a análise nos mostrou variação no uso de pronomes de tratamento (observe-se a gradação no uso dos pronomes nas falas do delegado: tu/você/senhor/ excelência), a mistura de tratamento (tu e você, na fala do delegado), o uso do clítico em início de período em desacordo com a norma culta, buscando o autor recriar “um ritmo frásico mais condizente com a prosódia brasileira e mais próximo da realidade oral da língua” (Preti, 1975: p. 90). Também destacamos a redundância da negativa e o seu efeito de sentido no texto (“- *Não era para mim não*”, na fala do ladrão de galinhas), a substituição lexical feita pelo delegado para mostrar deferência ao ladrão (os termos “vagabundo”, “safado” e “pilantra” foram substituídos por “doutor” e “excelência”), a mescla de registros cerimoniais e populares na fala do delegado e o compromisso do narrador com a linguagem culta.

A pesquisa traz uma contribuição teórica porque amplia as discussões acerca da variação linguística no texto escrito, e também apresenta uma função prática na medida em que oferece uma possibilidade de análise linguística que pode ser explorada nas aulas de linguagem.

ANEXO

E por falar em ladrão de galinhas¹⁴...

¹⁴Crônica de Luis Fernando Veríssimo. *Jornal O Globo e o Estadão*, 2001.

L1- Pegaram o cara em flagrante roubando galinhas de um galinheiro e levaram para a delegacia.

- Que vida mansa, heim, vagabundo? Roubando galinha para ter o que comer sem precisar trabalhar. Vai para a cadeia!

- Não era para mim não. Era para vender.

L5 - Pior. Venda de artigo roubado. Concorrência desleal com o comércio estabelecido. Sem-vergonha!

- Mais eu vendia mais caro.

- Mais caro?

- Espalhei o boato que as galinhas do galinheiro eram bichadas e as minhas não. L10- E que as do galinheiro botavam ovos brancos enquanto as minhas botavam ovos marrons.

- Mas eram as mesmas galinhas, safado.

- Os ovos da minha eu pintava.

- Que grande pilantra...

L15- Mas já havia um certo respeito no tom do delegado.

- Ainda bem que tu vai preso. Se o dono do galinheiro te pega...

- Já me pegou. Fiz um acerto com ele. Me comprometi a não espelhar mais boato sobre as galinhas dele, e ele se comprometeu a aumentar os preços dos produtos dele para ficarem iguais aos meus. Convidamos outros donos de galinheiro a entrar no nosso L20- esquema. Formamos um oligopólio. Ou, no caso, um ovigopólio.

- E o que você faz com o lucro do seu negócio?

- Especulo com dólar. Invisto alguma coisa no tráfico de drogas. Comprei alguns deputados. Dois ou três ministros. Consegui exclusividade no suprimento de galinhas e ovos para programas de alimentação do governo e superfaturar os preços.

L25- O delegado mandou pedir um cafezinho para o preso e perguntou se a cadeira estava confortável, se ele não queria uma almofada. Depois perguntou:

-Doutor, não me leve a mal, mas com tudo isso o senhor não está milionário?

- Trilionário. Sem contar o que eu sonogo de Imposto de Renda e o que tenho depositado igualmente no exterior.

L30 - E, com tudo isso, o senhor continua roubando galinhas?

- Às vezes. Sabe como é.

- Não sei não, excelência. Me explique.

- É que, em todas as minhas atividades, eu sinto a falta de uma coisa. Do risco, entende? Daquela sensação do perigo, de estar fazendo uma coisa proibida, da iminência do castigo.

Só roubando galinhas eu me sinto realmente um ladrão, e isso é excitante. Como agora. Fui preso, finalmente. Vou para a cadeia. É uma experiência nova.

L37 - O que é isso, excelência. O senhor não vai ser preso não.

- Mas fui pego em flagrante pulando a cerca do galinheiro!

L39 - Sim. Mas primário e com esses antecedentes...

5. Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In *Estética da criação verbal*, PP. 278-326. São Paulo: Martins fontes, 1992.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?* São Paulo: Ática, 1985.

BELINE, Ronald. *A variação linguística*. In: FIORIN, J.L. (Org.). *Introdução à Linguística (I. Objetos teóricos)*. São Paulo, Contexto: 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Editora Acadêmica, 1962.

COSERIU, Eugênio. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 2004.

_____. *Do sentido de ensino da língua literária*. Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 5, 29 – 47, 1993.

FIORIN, Luiz Fiorin (Org.). *Introdução à Linguística*. São Paulo: Contexto, 2007.

GOTTARDI, Ana Maria. *A crônica na mídia impressa*. Ed. Arte & Ciência. São Paulo, 2007/
www.unimar.br/publicações/ftp/miolo_cronica.pdf

MOLLICA, M.C. (Org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista*. Cadernos Didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

NÉLO, Maria José. *Cultura e Implícitos do Brasileiro em crônicas do Cotidiano*. (PUC/SP – UEMA) / [www.lenguas.unc.edu.ar/aledar/hosted/acta_2009/expositores/nelo, %20maria.pdf](http://www.lenguas.unc.edu.ar/aledar/hosted/acta_2009/expositores/nelo,%20maria.pdf).

PIETROFORTE, Antonio Vicente. *A Língua como Objeto da Linguística*. In: FIORIN, J.L. (Org.). *Introdução à Linguística (I. Objetos teóricos)*. São Paulo, Contexto: 2007.

PIMENTA-BUENO. *A evolução do pensamento linguístico. Parte I: dos Gregos à Modernidade*. Rio de Janeiro. Editora Papel Virtual, 2004.

PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. (Org.) 3ª Ed. São Paulo: Humanistas, 2003.

_____. *A gíria e outros temas*. São Paulo: EDUSP, 1984.

_____. *Sociolinguística: Os níveis da Fala, um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. São Paulo, Editora Nacional, 1974 (1975).

_____. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004

_____. *A variação linguística: Contribuições da Sociolinguística para o Ensino da Língua*. Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 29 e 30, 2005.

_____. *A linguagem literária contemporânea no Brasil: a elaboração da oralidade*. Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 33 e 34, 2007.

SANTOS, Leonor W. dos. Ensino de gêneros textuais: Contrapontos teóricos e propostas didáticas. In: Congresso Internacional da Abralín, 6, João Pessoa, 2009. Anais, João Pessoa: UFPB, 2009, 1 CD – ROM, p. 1-8, disponível em www.leonorwerneck.com (acessado em maio/2014).

_____. Práticas de linguagem e PCN: ensino de Língua Portuguesa. In: _____.; PAULIUKONIS, Ma. Aparecida L. (Org.). *Estratégias de leitura: texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, pp. 59-68. Disponível em www.leonorwerneck.com (acessado em maio/2014).

SAUSSURE, F. (Org. CHARLES BALLY e ALBERT SECHEHAYE). *Curso de Linguística Geral*. Editora Cultrix, 1857 -1913.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *O ensino da gramática: caminhos e descaminhos*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. *Texto e Ensino: análise da variação linguística na narrativa literária*. Confluência. Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Liceu Literário Português, 24, 83 - 97, 2002.